

Trabalho e essência social: considerações sobre o trabalho socialmente necessário em Marx e na pedagogia socialista

Resumo

O presente artigo aborda a categoria do Trabalho Socialmente Necessário, cuja formulação se ampara na investigação do trabalho em sua essência e caráter no cerne da Teoria do Valor Trabalho. Buscamos articular a noção de Trabalho Socialmente Necessário no seu desenvolvimento inicial em Marx e sua posterior abordagem tomada por Pistrak e Shulgin na experiência da Escola Única do Trabalho. Reafirmamos a importância desta categoria para compreender o processo de formação humana e superar a forma alienada do trabalho para edificação de uma sociedade embasada no trabalho socialmente útil.

Palavras-Chave: trabalho socialmente necessário; pedagogia socialista; Escola Única do Trabalho.

Poliana Garcia Temístocles Ferreira

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis/SC – Brasil

polianagarciaatf@gmail.com

Sandra Luciana Dalmagro

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis/SC – Brasil

sandradalmagro21@gmail.com

Para citar este artigo:

FERREIRA, Poliana Garcia Temístocles; DALMAGRO, Sandra Luciana. Trabalho e essência social: considerações sobre o trabalho socialmente necessário em Marx e na pedagogia socialista. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 25, n. 57, p. 286-304, jan./abr. 2024.

DOI: 10.5965/1984723825572024286

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723825572024286>

Labor and social essence: considerations on socially necessary labor from Marx to the socialist pedagogy

Abstract

This article presents the category of Socially Necessary Labor, which is formulated as part of an investigation into the essence and character of study at the heart of the Labor Theory of Value. We aim to articulate the notion of Socially Necessary Labor in its original development by Marx and its later approach taken by Pistrak and Shulgin in the experience of the Unitary School of Labor. We reaffirm the importance of this category for understanding the process of human formation and to overcome the alienated form of labor in order to build a society based on socially necessary labor.

Keywords: socially necessary labor; socialist pedagogy; Unitary School of Labor.

Trabajo y esencia social: consideraciones sobre el trabajo socialmente necesario de Marx a la pedagogía socialista

Resumen

Este artículo aborda la categoría de Trabajo Socialmente Necesario, cuya formulación se fundamenta en la investigación del trabajo en su esencia y carácter en el centro de la Teoría del Valor-Trabajo. Buscamos articular la noción de Trabajo Socialmente Necesario en su desarrollo inicial en Marx y su posterior abordaje por Pistrak y Shulgin en la experiencia de la Escuela Única del Trabajo. Reafirmamos la importancia de esta categoría en el proceso de formación humana, así como en la tarea de superar la forma alienada del trabajo en la construcción de una sociedad basada en el trabajo socialmente útil.

Palabras clave: trabajo socialmente necesario; pedagogía socialista; Escuela Unitaria del Trabajo.

Introdução

No cerne da discussão sobre a centralidade do trabalho na ontologia de Marx, bem como da investigação sobre a essência do trabalho na conformação da sociedade capitalista, encontra-se a categoria do Trabalho Socialmente Necessário, que diz respeito à relação entre as forças sociais produtivas e o processo de trabalho. Categoria fundamental para compreender a sistematização das forças produtivas sem perder de vista o aspecto social do trabalho, esta foi desenvolvida por Marx para caracterizar o tempo necessário para a produção de valores de uso numa determinada sociedade, manifestando sua funcionalidade orgânica social. Partindo do processo produtivo e com o objetivo de caracterizar o papel do trabalho no processo de criação – e apropriação – do valor, Marx concentra nesta categoria a relação direta entre o trabalho e a conformação da sociedade capitalista.

Assim como não é possível dissociar a análise de Marx à crítica da sociedade capitalista, não há como abordar a questão do Trabalho Socialmente Necessário (TSN) sem mencionar seu papel na formação histórica das forças produtivas de um determinado tipo. Essa categoria diz respeito a uma força de trabalho social média para a produção de uma determinada mercadoria em um modelo produtivo historicamente colocado. Mais especificamente, Marx (2011) define o Trabalho Socialmente Necessário como o *quantum* de trabalho requerido para a produção de qualquer valor de uso nas condições gerais e socialmente normais, considerado o grau médio de habilidade e intensidade do trabalho necessário para tal.

Cabe destacar que a síntese dessa categoria se embasa numa reflexão sobre a relação entre o trabalho e valor na sociedade capitalista e por isso não pode ser compreendida sem a noção de aspectos essenciais do trabalho. A relação social que se manifesta na categoria do TSN mostra um momento já maduro da Crítica da Economia Política de Marx, e diz respeito à base essencial e filosófica do trabalho, dentre os quais se destacam o aspecto concreto e o aspecto abstrato. Antes de mais nada, esses dois aspectos revelam uma dupla natureza do trabalho que também se manifesta na

mercadoria, cuja forma no modo de produção capitalista se transmite em seu valor de uso e de troca¹.

Desmistificar o duplo caráter do trabalho na economia capitalista – e fora dela – é condição mínima para uma compreensão adequada do TSN, seja em sua síntese inicial em Marx ou no desenvolvimento posterior por parte de Pistrak (2009, 2018) e Shulgin (2013), cujo último enfoque se dá na relação entre o TSN e a formação cognitiva no meio escolar. Se para Marx o TSN emerge de uma totalidade produtiva social baseada no papel do trabalho para a produção dos bens necessários à dinâmica social, em Pistrak e Shulgin alterna-se a abordagem sobre o processo produtivo enfatizando o aspecto socializante e pedagógico do trabalho, o que claramente consoa ao método de Marx.

Com isso, temos o objetivo de articular as diferentes abordagens sobre o TSN em Marx e para os autores da Escola Única do Trabalho², reivindicando a essência social do trabalho na formação de indivíduos conscientes do modo de produção vigente e que construam o objetivo de superá-lo. Recoloca-se, portanto, a centralidade do trabalho socialmente justificado na sistematização das formas sociais, compreendendo o caráter orgânico e metabólico do trabalho em sua essência, bem como a superação de sua forma estranhada na determinação capitalista das forças produtivas.

Por fim, o presente ensaio divide-se em duas partes sendo que a primeira trata de uma abordagem sobre a essência do trabalho em Marx, na qual defendemos que essa formulação se desdobra da análise do autor sobre a materialidade das relações sociais e produtivas num determinado momento histórico. Partindo dessa discussão, na segunda seção iremos definir os elementos centrais da categoria do TSN em Marx, desenvolvendo-os de maneira articulada ao método histórico-dialético, cuja base se

¹ A dupla determinação do valor que está contida na mercadoria é uma discussão central na obra de Marx. Não é intenção equiparar aqui o trabalho concreto a valor de uso e o trabalho abstrato a valor de troca e isso seria uma inconsistência que nos afasta do nosso objetivo central. Distintamente ao valor de uso e de troca que são valores objetivados na mercadoria por meio do trabalho, o trabalho concreto e o abstrato tratam dos aspectos essenciais do trabalho na base da relação entre o indivíduo e a natureza. Portanto, o processo de objetivação do valor de uso e de troca se embasa na dinâmica dos aspectos concreto e abstrato do trabalho relacionando-se a estes, mas que consistem em questões distintas (Marx, 2011).

² A Escola Única do Trabalho foi uma experiência concreta de escola embasada na concepção socialista de pedagogia e na centralidade do trabalho no processo de formação humana e de produção do conhecimento. Oficializada em 1918 com a Declaração sobre os princípios fundamentais da Escola Única do Trabalho, essa forma de escola buscava unificar o sistema de ensino soviético em torno da concepção ampla e social do trabalho (Krupskaya, 2017).

coloca como ponto de partida para a compreensão posterior de Pistrak (2009, 2018) e Shulgín (2013), cuja abordagem se dirige à educação escolar em articulação com o trabalho e a vida fora da escola, em que a produção do conhecimento se integra à produção material da sociedade. Para concluir, traçaremos algumas considerações finais sobre o tratamento dado a essa categoria no escopo da Pedagogia Socialista, indicando o seu desenvolvimento histórico e sua reivindicação enquanto importante ferramenta na edificação da experiência da Escola Única do Trabalho.

A essência social do trabalho em Marx

A centralidade do trabalho em Marx representa a base do processo de produção da existência social antes mesmo que se conformasse a sociedade capitalista. A relação entre o indivíduo e o trabalho é algo que se faz presente na história ao longo dos distintos modos de produção material, o que representa um ponto de partida para qualquer discussão acerca do trabalho em Marx, que vê no processo de trabalho a síntese entre o âmbito das ideias e o âmbito material. Como define no primeiro Manuscrito: “O elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se reproduzir somente *intelectualmente*, como na consciência, mas *ativamente*, ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado” (Marx, 2004, p. 117, grifo nosso).

Ao apontar a dinâmica entre a consciência humana e a objetivação material na sociedade, Marx visa realizar a crítica da alienação do indivíduo em relação ao objeto genérico de seu trabalho e em relação à sua própria existência genérica. Esta formulação reflete o duplo caráter do processo de trabalho e sua relação orgânica na conformação dos sujeitos e da sociedade (Marx, 2011).

O mundo então criado pelo trabalhador é resultado objetivo de uma relação entre a consciência – assimilação do mundo e sistematização do processo de trabalho – e a criação de objetos de utilidade social. Em outras palavras, o produto do trabalho carrega uma síntese objetiva da transformação concreta do meio, mediante uma transformação sistemática das ideias do indivíduo social. Aí também se manifesta a dupla natureza do trabalho, que inclui aspectos concretos e abstratos no que se refere à abstração

intelectual da natureza no intuito de sistematizar processos que resultem na objetivação concreta do trabalho. Os dois aspectos articulam-se no ato de trabalho em um meio socialmente determinado e historicamente formado (Marx, 2004, p. 111).

Assim, a atividade do trabalho constitui uma totalidade em movimento, que iguala todos os sujeitos, constituindo uma “atividade vital” de toda a espécie humana, por meio da qual se edifica um “mundo objetivo” e prático, manifestando um metabolismo orgânico entre sujeito e natureza. É importante ressaltar que o trabalho, antes da consolidação das forças produtivas do capitalismo, se coloca como atividade vital do homem, conforme expressa Marx (2004, p. 117):

O animal constrói apenas segundo o padrão e a necessidade da espécie a que pertence, ao passo que o homem sabe como produzir de acordo com o padrão de cada espécie e sabe como aplicar o padrão apropriado ao objeto; Assim, o homem constrói também e de acordo com as leis e a beleza. É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro *ser genérico*. Esta produção é sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como sua obra e realidade.

Dessa passagem depreendem-se dois aspectos fundamentais para compreender a essência do trabalho: o primeiro é que a atividade humana é socialmente mediada e assimilada, submetendo-se às determinações concretas da dinâmica da natureza e das espécies. O segundo é que a atividade do trabalho está intrinsecamente ligada à atividade intelectual do homem, cujo desenvolvimento se dá mediante a formulação e sistematização do conhecimento ligado a essa atividade. Sobre esta última relação, afirmamos que os aspectos intelectuais e objetivos do trabalho são, em sua essência, inseparáveis e tal compreensão se coloca como central para que a função social do trabalho se manifeste em seus aspectos materiais e intelectuais, ou, em outras palavras, para que o trabalho desempenhe sua função pedagógica³. Trataremos dessa relação mais adiante por meio da formulação do TSN a partir de Pistrak (2018) e Shulgin (2022).

³ Esta formulação encontra desenvolvimento posterior em Gramsci (2010), que apresenta uma perspectiva orgânica sobre o trabalho enquanto princípio educativo em sua síntese sobre a escola única. Em seu caderno 12, o autor afirma que o desenvolvimento da relação entre instrução-ensino – materializada na escola única – deve equilibrar a capacidade manual de trabalhar e as capacidades intelectuais do trabalho. Com isso, a relação entre a atividade intelectual e psíco-física aparece mediada pelo trabalho, o que justifica sua utilização como princípio educativo.

Por ora, destacamos os principais aspectos do trabalho em sua totalidade, no intuito de recuperar a centralidade do trabalho para o desenvolvimento histórico da espécie humana. Esses aspectos se mistificam à medida que se consolida o modo de produção capitalista e, antes de mais nada, quando é estabelecida a separação da propriedade privada. A partir dessa divisão, “o trabalho transforma-se em objeto” por meio do qual os sujeitos buscam garantir a reprodução de sua existência. Assim, a atividade do trabalho se instrumentaliza, e os sujeitos perdem o controle de seu processo de trabalho, bem como perdem a propriedade dos produtos de seu trabalho, assumindo uma existência estranhada. Esse processo é descrito por Marx como alienação do trabalho, que se manifesta no não reconhecimento de seu próprio trabalho objetivado, ou seja, a atividade que antes era vital se converte em simples meio de existência. Marx (2004, p. 116) sintetiza o processo de alienação do trabalho:

Já que o trabalho alienado aliena a natureza do homem, aliena o homem de si mesmo, o seu papel ativo, a sua atividade fundamental, aliena do mesmo modo o homem a respeito da sua espécie; transforma a vida genérica em meio de vida individual; depois, muda esta última na sua abstração em objetivo da primeira, portanto, na sua forma abstrata e alienada.

Esse processo de alienação é causa da separação do trabalho e sua essência social, da divisão entre os aspectos intelectuais e práticos do trabalho, e consiste em uma problemática fundamental para entender como se formula a noção de trabalho socialmente necessário em Marx. Podemos afirmar que a categoria do TSN manifesta a função social do trabalho para além de sua forma alienada, o que consiste em uma questão central da crítica da Economia Política em Marx.

Partindo dessa mesma perspectiva, Rubin (1987) afirma que é por sua natureza intrinsecamente social que o trabalho abstrato modifica sua forma no modo de produção capitalista, correspondendo ao processo de padronização e generalização da força de trabalho assalariada, abstraídas as propriedades concretas do processo produtivo. Com isso emerge a forma estranhada do trabalho presente na mercadoria em geral, abstraindo-se “as relações sociais existentes entre os trabalhos individuais e o trabalho total, apresentando-as como relações entre objetos coisificados” (Antunes, 2010, p. 12).

Por fim, o estranhamento da forma abstrata do trabalho também recai sobre a relação entre o aspecto intelectual e prático do trabalho, sendo que a forma estranhada da atividade intelectual sistematiza o trabalho de forma genérica a partir de conceitos científicos gerais. Esse processo de sistematização do trabalho é necessário para que uma determinada forma produtiva se torne social, o que é condição para a assimilação do trabalho assalariado nos núcleos de formação e preparação para o trabalho desde a escola até os centros de formação técnica (Saviani, 2007, p. 158).

Apresentamos brevemente a forma essencial e a forma estranhada do trabalho (reflexo da dupla determinação do trabalho) no capitalismo, exercício necessário para compreender a importância do caráter social do trabalho na síntese categorial do Trabalho Socialmente Necessário. Os dois aspectos apontados aqui se articulam na construção da sociedade como a conhecemos, manifestando a totalidade do trabalho na dinâmica entre o mundo concreto e o mundo das ideias, como expressa Marx (2019, p. 9), na Ideologia Alemã:

A produção de ideias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à *atividade material* e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanação direta do seu comportamento material.

Assim, independente da forma social historicamente determinada, os dois aspectos do trabalho encontram-se interligados pelo seu metabolismo social. Essa dinâmica manifesta a função social do trabalho em mediar as relações humanas tanto em seu aspecto individual e coletivo, quanto na esfera intelectual e prática sendo que, independente de sua forma, o trabalho funda toda e qualquer forma de sociabilidade (Tonet, 2016, p. 40). Portanto, a essência social do trabalho pressupõe dois momentos: um primeiro no qual o indivíduo – em sua dinâmica coletiva – se realiza no espaço concreto por meio do trabalho; um segundo momento em que este assimila intelectualmente sua atividade concreta e se desenvolve a partir disso, agindo sobre o meio concreto e modificando-o⁴. Vejamos, a seguir, como Marx desenvolve a categoria

⁴ Esta ideia aparece de forma embrionária nos primeiros escritos de Marx (2004, p. 111) e persiste até suas obras mais elaboradas. No processo de produção material, o homem produz a si mesmo “na mesma proporção em que produz bens”, relação objetiva que não escapa à generalização da forma assalariada do trabalho e se manifesta de maneira estranhada na sociedade capitalista. A produção da existência social e

do TSN a partir dessa síntese sobre a dupla determinação do trabalho e sua essência social nas distintas formas de sociedade.

O TSN de Marx a Pistrak e Shulgin

No livro primeiro d'O Capital, Marx (2011) define o TSN como “tempo de trabalho requerido para produzir qualquer valor de uso nas condições de produção dadas e socialmente normais, com um grau social médio de habilidade e intensidade do trabalho”. Está claro que o TSN diz respeito a um momento da produção e Marx o utiliza para construir a antítese do trabalho excedente, contrapondo-o à forma espoliada do trabalho contida no capital. O TSN tem sua grandeza diretamente relacionada ao nível de desenvolvimento das forças produtivas que compreende a totalidade dos elementos produtivos, sejam humanos ou materiais (Rubin, 1987).

Assim, por mais que Marx utilize a categoria do TSN aplicada necessariamente ao processo de produção, esta se relaciona à forma como os indivíduos produzem sua existência coletiva, o que reflete exatamente o aspecto social do trabalho socialmente produtivo. Sendo assim, mesmo o aspecto produtivo do trabalho não se restringe ao caráter imediato do processo de produção, manifestando-se na própria existência humana e dele sendo parte (Marx, 2019, p. 5). A partir disso, entendemos que a categoria do TSN não deixa de conter em si dois traços principais: a essência social do trabalho e a antítese do trabalho excedente que permite a reprodução da lógica capitalista. É importante acrescentar que o TSN modifica sua magnitude conforme os distintos graus de produtividade médios em uma sociedade, uma vez que este se articula às mudanças históricas no modo de produção.

Tais traços asseguram a importância dessa categoria mesmo em relação a outros objetos de estudo que não o processo de produção capitalista, o que permitiu sua utilização na forma objetiva da Escola Única do Trabalho (EUT), por parte de Pistrak (2009, 2018) e Shulgin (2013). O resgate dessa categoria à luz das condições históricas da Revolução Soviética representa a tarefa de articular os aspectos centrais da Crítica da

material também aparece em Marx (2019, p. 4) quando este afirma que “ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material”, reconhecendo também que esse processo se embasa na natureza e nos meios concretos de existência que são produzidos e reproduzidos.

Economia Política de Marx às mudanças históricas observadas com o estabelecimento da escola socialista.

Moisey Mikhaylovick Pistrak (1888-1937) e Viktor Nikolaevich Shulgin (1894- 1965) foram dois educadores, intelectuais e militantes que participaram ativamente da construção da Escola Única do Trabalho entre os anos 1917 e 1931. Estavam ligados ao Comissariado Nacional de Educação – NarKomPros, atuando ao lado de Krupskaya e Lunatcharsky e tiveram participação efetiva na formulação da política educacional soviética e à frente de escolas experimentais. Ambos se dedicaram a construir essa experiência educacional ímpar, trabalhando principalmente nos conceitos de auto-organização, atualidade, escola do trabalho, trabalho socialmente necessário, os quais são de grande importância para a compreensão das concepções pedagógicas desse período.

De acordo com Freitas (2009) e Bahniuk e Dalmagro (2021), Mosey Mikhailovich Pistrak, nasceu em 1888 e morreu em 1937; vítima de calúnia e perseguição foi preso e executado no período stalinista. Concluiu a Faculdade de Físico-Matemática na Universidade de Varsóvia – Polônia em 1914 e, posteriormente, tornou-se Doutor em Ciências Pedagógicas. Durante cinco anos esteve como diretor da Escola Comuna P. N. Lepeshinsky – umas das escolas experimentais criadas pelo NarKomPros para contribuir na formulação de uma pedagogia articulada ao processo revolucionário. De 1918 a 1931, foi presidente da Subcomissão de Programas para o Segundo Grau, na seção científico-pedagógica dirigida por Nadezhda Krupskaya, do NarKomPros. Posteriormente, trabalhou no Instituto de Pedagogia do Norte do Cáucaso, até 1936 (Freitas, 2009).

Victor Nikolaevich Shulgin nasceu em 1894 e viveu até 1965. Ainda conforme Freitas (2009) e Bahniuk e Dalmagro (2021), ele foi educador e historiador; formou-se pela Universidade de Moscou, em 1917. Também atuou no NarKomPros. Entre 1922 e 1931, foi diretor do Instituto de Métodos de Trabalho Escolar e, entre 1921 e 1931, trabalhou na Seção Científico-pedagógica do Conselho Científico Estatal (GUS). Em 1931, exerceu a direção do Instituto de Pedagogia Marxista-Leninista. Depois de 1931, assim como Pistrak, sofre calúnia e suas formulações são associadas ao antileninismo e à perspectiva de eliminação da escola. Momento esse em que se retira do trabalho com Educação e começa a atuar no Museu da Revolução.

Shulgin (2013, p. 89) afirma que o papel central do TSN na escola se justifica pela sua centralidade na *edificação* social não apenas na escola, mas como meio de construir laços entre a escola e a vida, colocando a atividade do trabalho a serviço da comunidade. Com isso, define dois traços principais do TSN: um primeiro que diz respeito ao trabalho que produz resultados concretos e um segundo que se refere ao trabalho que possui valor pedagógico. Tais aspectos constituem a essência do TSN para Shulgin, sendo fundamentais para que se expanda na sociedade um tipo de trabalho orientado às demandas locais e à auto-organização coletiva dos estudantes. A partir desses princípios, o autor apresenta uma definição mais objetiva do TSN:

Por trabalho social, vamos entender o trabalho de organização da escola ou do destacamento dos pioneiros, orientado para a melhoria da economia e da vida, para elevar o nível cultural do meio, trabalho que dá determinados resultados positivos. [...] em segundo, é o trabalho pedagogicamente valioso; em terceiro, o que está incluído no segundo ponto, mas no qual o insistem os camaradas e que realmente é necessário enfatizar: é aquele trabalho que está em conformidade com as forças dos adolescentes e com as particularidades de sua idade (Shulgin, 2013, p. 90).

Assim, Shulgin (2013, p. 95) avança numa síntese do trabalho social na Escola Única do Trabalho (EUT), distinguindo também algumas formas do trabalho socialmente necessário que podem consistir em: trabalho produtivo; trabalho político-educacional; trabalho sanitário-higiênico; trabalho cultural-educativo; trabalho de comunicações etc. Cada uma dessas formas articula-se às tarefas necessárias para a edificação de uma nova forma de produção e organização social, o que pressupõe a essência social e concreta do trabalho mencionada anteriormente.

Reafirmamos a importância do TSN como categoria que recupera a totalidade do trabalho no escopo das relações sociais e constitui um caminho para a construção de relações sociais fundadas nas necessidades dos trabalhadores e direcionadas aos interesses coletivos. Essa formulação se desdobra nos mais distintos níveis de atividade, incluindo o da formação e do fazer pedagógico. Isso justifica a utilização do TSN como base do trabalho escolar, como está proposto na estrutura curricular e nos fundamentos da EUT (Shulgin, 2022).

A utilização do TSN como eixo que articula o plano pedagógico da EUT também se explica pelo princípio social do trabalho, sem o qual não seria possível realizar a ligação entre a escola e a vida. Isso é, conforme a crítica realizada por Pistrak, a noção de trabalho na EUT se propõe a reconfigurar a relação entre trabalho e conhecimento, explicitando sua ligação em relação à ciência a partir de um princípio socioeducativo. Esse processo envolve a formação em amplo sentido, como está manifesto na ideia da formação omnilateral⁵, não se restringindo aos aspectos pedagógicos, metodológico ou mesmo técnico.

Com isso, destacamos que a questão do trabalho na EUT está justificada enquanto função vital da sociedade, ou na *educação social*. Essa relação é um princípio justificado na essência social do trabalho que se categoriza em Marx com a formulação do trabalho socialmente necessário, como buscamos argumentar ao longo deste escrito. Recuperar o caráter de formação pelo trabalho torna-se, para a EUT, como defende Pistrak (2018, p. 68): “A questão fundamental da escola não é a relação mecânica entre o trabalho e a ciência (...), mas tornar ambos partes orgânicas da escola, isto é, da vida social das crianças”.

Shulgin (2013) apresenta uma formulação integrada à de Pistrak, definindo o TSN como um trabalho não ocasional que ultrapassa o espaço da escola, manifestando uma conexão organizada e orgânica com a classe operária. Para ele, o trabalho é a melhor forma de introduzir as crianças na vida laboral e ligá-las com a classe, não apenas para entendê-la, mas de forma a viver sua ideologia, aprender com a classe a lutar e construir. Portanto, o TSN tem também caráter político e ideológico positivo, possibilitando que as crianças se identifiquem com a cultura da classe trabalhadora.

Defendemos que Pistrak e Shulgin não fazem apologia ao dispêndio da força humana de trabalho, ou à formação técnica para o trabalho: a Escola do Trabalho e o TSN não se definem pelo “amor ao trabalho” ou pela ideologia do trabalho, muito menos pela formação para o trabalho alienado. Não se trata de uma escola do trabalho para um seleto grupo de trabalhadores, reservando a uns poucos escolhidos uma escola “de estudos”, que reproduz a separação entre o trabalho intelectual e o prático-objetivado. A

⁵ Esta categoria é desenvolvida por Frigotto e Ciavatta (2012), e busca afirmar o trabalho como princípio educativo, referindo-se ao processo de formação ampliado, em todos seus sentidos e dimensões. Essa formação humana se dá conforme as condições objetivas e subjetivas de um determinado tempo histórico.

isso se opôs a Escola Única do Trabalho e tais perspectivas foram questionadas por Pistrak (2009, 2018) e Shulgin (2013, 2022). Na sua obra, *Fundamentos da Educação Social*, defende que em condições materiais precárias, a Escola do Trabalho não é possível. Esse processo envolve o desenvolvimento econômico e cultural do meio, o que envolve diretamente a questão da formação para a sociedade e da função social da educação, como está presente na formulação de Shulgin e desenvolvido por outros autores como Freitas (2009) e Tonet (2016).

Os autores aqui citados são entusiastas do desenvolvimento produtivo e cultural que possibilite ao ser humano emancipar-se do trabalho na sua forma alienada. Isso pode ser verificado, por exemplo, na seguinte passagem: “a questão não é que todos façam auto serviço, mas que todos sejam libertados deles, para que a máquina esteja em toda parte a serviço do homem” (Shulgin, 2022, p. 124). Esse é um dos ideais da própria revolução socialista, sendo um dos fundamentos da educação social.

O Trabalho e o TSN não são fins em si mesmos, sendo que o último é categorizado por Shulgin (2022) como uma forma de mediação entre o estudante e a atualidade, entre este e a sociedade, entre a indivíduo e a coletividade. Para os soviéticos, não existe auto-organização sem conexão com a vida real (Shulgin, 2022), tampouco existe construção da coletividade ausente de bases materiais, reais. Não basta a escola ilustrar seus conteúdos com as situações da vida ou recortes e fragmentos assépticos, tampouco criar situações hipotéticas num ambiente isolado:

O trabalho é uma forma de introduzir os estudantes na família trabalhadora mundial para participar de sua luta, compreendê-la, seguir a história do desenvolvimento da sociedade humana, obter hábitos coletivos de organização e trabalho [...] para nós o trabalho é o fundamento da vida, o fundamento do trabalho educacional, é a melhor maneira de ensinar os estudantes a viver na atualidade [...] assim, fundem-se numa unidade indivisível a auto-organização, o trabalho, a atualidade, e são puxados, trazidos para a vida pelo curso do desenvolvimento econômico que exige uma escola necessária para a classe-construtora, a classe operária, uma escola que educa o lutador e construtor da vida (Shulgin, 2022, p. 125).

O TSN se liga intimamente à atualidade e isso implica na compreensão dos problemas e aspectos essenciais de reprodução da sociedade, cuja dinâmica é histórica e

se organiza mediante a atividade humana. Para os soviéticos, a criança já vive uma vida verdadeira e é nessa realidade e tempo histórico que a escola precisa atuar. A escola não prepara apenas para o futuro ou porque “lá na frente” tais conteúdos e comportamentos serão necessários: é preciso que o estudante perceba hoje o porquê de tais conhecimentos e atitudes se fazerem importantes; tais necessidades precisam ser criadas no estudante. “A criança faz parte da aldeia, do povoado ou da família”, diz Shulgin, e “só a escola que se encrava na vida social da aldeia, ajuda de fato a reconstruí-la, não em palavras, mas em atos” (Shulgin, 2013, p. 43).

As categorias centrais da pedagogia socialista soviética são: Atualidade, Auto-organização e Trabalho. Pistrak e Shulgin possuíam papel-chave em sua sistematização e formulação. Aqui, neste artigo, nosso foco é o TSN, mas este não pode ser compreendido desarticulado das demais categorias, do período histórico e do contexto revolucionário em que foram gestadas. Partindo desse referencial, a categoria da atualidade manifesta a formulação entre os aspectos fundamentais da realidade objetiva em dinâmica histórica, o que envolve a reprodução de relações sociais, inclusive de suas contradições. Nesse sentido, a articulação da escola com o seu meio não pode ser compreendida como passiva, mas deve elevar o nível cultural da população, contribuir com a construção da nova sociedade em seus múltiplos aspectos. Em outras palavras, o estudo da atualidade envolve a construção contínua de tarefas socialmente necessárias, possui um sentido e dá propósito aos programas escolares e permite a edificação de uma sólida base para a Escola do Trabalho (Shulgin, 2022).

Shulgin (2013) espera bastante da escola, ele tem pressa e atribui a ela grande papel na transformação do meio. Mas ele também alerta que o trabalho socialmente necessário não é feito pela escola de forma isolada, sem articulação com as organizações políticas da aldeia e da região, o que descaracterizaria o TSN. Para realizá-lo, a escola precisa se articular à organização dos estudantes – os pioneiros, da juventude – o Komsomol, das mulheres, com os diversos profissionais como o agrônomo, o médico, o motorista e as lideranças políticas. A escola é uma organização em meio às demais e colocará sua energia e papel na transformação da realidade.

Vemos, portanto, que a articulação da escola com seu entorno não é apologética ou passiva, não é um compromisso para manutenção de sua cultura indiscriminadamente.

O TSN não é para cumprir tarefas que foram determinadas desde fora ou para resolver problemas imediatos e pontuais, tampouco para adaptar a criança à sociedade, mas se define pelo estudo e atuação no meio voltados à transformação social na direção da socialização.

A questão social também ganha destaque na Escola do Trabalho, conforme defende Pistrak (2018) ao colocar a importância da relação entre a escola e o meio em que se insere, considerando as determinações históricas da realidade. Portanto, a atividade do trabalho na escola se coloca como “atividade racional socialmente necessária” que determina e influi nas relações coletivas do meio, o que justifica a síntese do TSN na escola com enfoque em seu aspecto de ensino. A forma desse trabalho deve abarcar os mais distintos ramos de atividade, desde o autosserviço até o trabalho produtivo (Pistrak, 2018, p. 70). Quanto ao aspecto produtivo do trabalho na escola, é importante que ele tenha caráter de utilidade social, uma vez que:

O que importa é que o trabalho das crianças deve, ao final das contas, transformar-se em algo *materialmente útil*, sendo que a utilidade e necessidade deste objeto deve ser justificada na consciência das crianças. [...] com isso, as crianças terão a consciência de que seu trabalho é produtivo (Pistrak, 2018, p. 90, grifo nosso).

Com isso, o aspecto produtivo do TSN permanece presente na abordagem de Pistrak, agora com enfoque na relação entre o trabalho, ciência e o papel da escola na dinâmica dessa relação. Em outras palavras, a materialidade social e a produção da vida é base e deve dar sentido às atividades da escola. Mais uma vez, o trabalho produtivo não se restringe apenas ao seu lado técnico, mas manifesta seu potencial de desenvolver práticas necessárias para que os estudantes participem de forma ativa e consciente da tarefa de construir uma sociedade embasada nos princípios socialistas (Pistrak, 2009, p. 178).

Contrapondo-se à ruptura entre trabalho manual e intelectual, própria da sociedade capitalista, a fusão entre ambos se torna central na prática pedagógica da EUT. Na transição ao socialismo, na qual se encontravam os autores, buscavam construir meios objetivos para que essa conexão se reproduzisse nas relações sociais. Assim, a ligação entre o trabalho – em suas múltiplas determinações – e a ciência deve se dar com base

“na síntese natural da teoria e da prática a qual torna-se compreensível e facilmente levada até a consciência do jovem nas finalidades dos trabalhos e atividades de ordem socialmente útil” (Pistrak, 2018, p. 155).

Está expresso o enfoque positivo do TSN na perspectiva de Pistrak e Shulgín, cuja objetivação carrega o potencial de construção de uma forma do trabalho – e da ciência – que negue a forma assalariada e que combata a reprodução do trabalho alienado, edificando uma sociedade na qual não há espaço para o trabalho excedente do qual se reproduz o capital. Portanto, construir uma nova relação entre a educação e o trabalho pressupõe uma formação que supere tanto a forma concreta de produzir do capital quanto a generalização abstrata do trabalho assalariado e, neste sentido, a categoria do TSN reafirma-se como ferramenta-chave no processo de construção de uma nova escola para uma nova sociedade (Saviani, 2011, p. 21).

Considerações finais

Vimos que o Trabalho Socialmente Necessário se assenta na noção de essência social do trabalho desenvolvida por Marx e retomada historicamente por Pistrak e Shulgín. Assim, retomamos o entendimento do trabalho como categoria de objetivação da vida genérica do homem em seu aspecto intelectual e também material. Essa relação é crucial para o desenvolvimento posterior do TSN em Pistrak e Shulgín, os quais articulam o trabalho e a ciência, sendo que a última pressupõe o processo de sistematização e teorização dos aspectos materiais da existência social humana na consciência.

Seguimos com a compreensão da totalidade dos aspectos do trabalho que se coloca como importante passo no entendimento adequado do TSN tanto em seu desenvolvimento inicial quanto posterior, o que também figura como debate central no seio da tradição marxiana. A partir dos aspectos aqui apontados, formulamos três principais sínteses com base no princípio da essência social do trabalho em Marx: a) Originalmente em Marx, o TSN representa a antítese do trabalho excedente, portanto, diz respeito ao conjunto dos valores de uso necessários para a produção e reprodução material da sociedade, excluído o mecanismo de geração de valor excedente para o capital. Assim, diferentemente dos aspectos abstrato e concreto do trabalho, o TSN possui caráter positivo em sua essência, o que justifica sua utilização para a edificação da

sociedade socialista pensada por Marx e ressignificada historicamente por Pistrak e Shulgin; b) O entendimento do TSN não pode se restringir apenas ao processo concreto de produção, estando ligado à dinâmica entre a produção material e a produção de ideias na totalidade social, o que está expresso nas obras iniciais de Marx e se apresenta de forma abstraída em sua exposição presente n'O Capital. Portanto, é equivocado dizer que, ao tratar do TSN, Marx se referia unilateralmente ao processo de produção, o que justifica a utilização dessa categoria em relação ao objeto da Escola Única do Trabalho num contexto histórico posterior; c) Nos soviéticos, aprofundado um aspecto já presente em Marx, ganha destaque o TSN em sua dimensão social, mais especificamente seu lugar de base na construção da coletividade, da sociedade socialista, pois refere-se ao trabalho que historicamente se faz necessário para o coletivo. Nesse contexto, o caráter pedagógico do TSN é destacado, é a materialidade a partir da qual o processo educativo socialista se desenvolve. O Trabalho não é fim em si mesmo, mas meio de conexão com a atualidade e de construção da coletividade.

Assim, a utilização da categoria do TSN tanto no âmbito escolar quanto na esfera produtiva devem refletir a relação dinâmica entre o trabalho e a vida com a finalidade de edificar uma sociedade embasada na negação do trabalho alienado e no caráter positivo do trabalho, incentivando a produção de valores de uso que atendam as necessidades sociais dos trabalhadores. Por fim, reafirma-se a importância do Trabalho Socialmente Necessário na construção diária da luta contra a reprodução do capital e contra a generalização do trabalho assalariado enquanto forma reificada do trabalho na sociedade.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. **Argumentum**, [Campinas], v. 2, n. 2, p. 1-7, fev. 2010.
- BAHNIUK, Caroline; DALMAGRO, Sandra Luciana. Pistrak, Shulgin e a pedagogia soviética nos anos 1920. In: ELIEL, Leandro; POMAR, Valter. **Educação e revolução: a pedagogia socialista soviética**. São Paulo: ELAPH, 2021. p. 01-18.
- FREITAS, Luiz Carlos de. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAK, Moisey Mikhaylovich (org.). **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 01-21.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 750-757
- GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932): apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. v. 2. p. 13-54.
- KRUPSKAYA, Nadejda Konstantínovna. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O capital: livro 1- crítica da economia política: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo editorial, 2015.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- PISTRAK, Moisey Mikhaylovich (org.). **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Polis, 1987. 293 p. (Coleção Teoria e História).
- SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l], v. 12, n. 34, p. 152-180, jan. 2007.
- SAVIANI, Demerval. Marxismo e pedagogia. **Histedbr**, Campinas, v. 1, p. 16-27, abr. 2011.

SHULGIN, Viktor Nikolaevich. **Rumo ao politecnismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SHULGIN, Viktor Nikolaevich. **Fundamentos da educação social**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

TONET, Ivo. Marxismo, educação e pedagogia socialista. **Germinal: Marxismo e Educação em debate**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 37-46, jun. 2016.

Recebido em: 04/08/2022
Revisões requeridas: 31/10/2023
Aprovado em: 05/12/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 25 - Número 57 - Ano 2024
revistalinhas@gmail.com